



TRANSFERÊNCIA, RESSONÂNCIA E INTERFERÊNCIA

por David Boadella

David Boadella foi Professor Titular da Escola Preparatória de Abbotsbury de 1962 até recentemente. Trabalha em tempo parcial como terapeuta de grupo e é líder de grupo em diversos centros espalhados pelo mundo. Nasceu em 1931, é casado com a poetisa Elsa Kornbluth, tem um filho de vinte e um anos e tinha uma filha que aos dezoito anos faleceu no trágico incêndio do Albergue Feminino de Kelburn, Londres em 1980.

SUMÁRIO: *Este artigo foi retirado de uma conferência proferida para os estudantes do Centro Gerda Boyesen em Maio de 1980. Aborda vários aspectos de Transferência e Contratransferência relacionados às personalidades do cliente e do terapeuta.*

Estabelecendo Vínculos (Bonding)

Se as necessidades emocionais da criança deparam-se com uma expressão emocional contraditória por parte de seu pai ou de sua mãe – temos um padrão de interferência. Um crescimento saudável, não neurótico, é essencialmente um padrão de ressonância. Transferência e contratransferência, como se apresentam, são também padrões de interferência; significando que algo está acontecendo entre o terapeuta e o cliente; entre aquele que ajuda e o que é ajudado; existe um padrão ou campo distorcendo o contacto. Se o contacto é distorcido pelo cliente, temos a chamada transferência. Se é distorcido pelo terapeuta, temos a contratransferência.

Mas, a essência da transferência é que essa distorção reflecte a história de remotos padrões de interferência. Em outras palavras, o mesmo padrão interferente é projectado no novo relacionamento e distorce-o. A diferença que ocorre na terapia é que o padrão de interferência, em si, torna-se o foco da consciência e, se o terapeuta trabalha a transferência, utilizará a interferência para conhecer o que interfere. Se está conhecendo o que interfere em si mesmo, está trabalhando com sua própria contratransferência, buscando transpô-la. Se está conhecendo o que interfere no cliente e se o cliente está conhecendo o que interfere nele, está conhecendo sua transferência e transpondo-a. Transpor a transferência leva a um outro padrão de ressonância.

O que complica é que, no contacto entre cliente e terapeuta, ocorrem ambas. Padrões de interferência lutando com padrões de ressonância. A ressonância tenta libertar-se da

interferência; é como tentar sintonizar um rádio – se não se está sintonizado metade do que você ouve é o programa que quer ouvir e a outra metade consiste de programas que você não quer ouvir. Sintonizar para ouvir um sinal claro isto é livrar-se de interferências.

Gostaria de dizer que outra forma de se traduzir “padrão ressonante” é falar de vínculo entre duas pessoas; tanto entre a criança e seus pais, como entre dois adultos trabalhando juntos para solucionar um problema, uma dificuldade. Quando falamos de “padrões de interferência”, estamos falando de distorções nesse vínculo, de bloqueios no vínculo ou de pseudovínculos. Gostaria de analisar mais detalhadamente essas distorções e padrões.

Envolvimento e Distanciamento

Existem dois extremos de distorções no padrão de ressonância, e gostaria de analisar esses dois extremos, pois se os extremos estão bem definidos, ajudam a entender os estados intermediários. Os extremos são o superenvolvimento e o superdistanciamento. *Superdistanciamento* é a situação clássica das primeiras terapias analíticas onde o terapeuta tornou-se superprofissional. Media a distância entre ele e o seu cliente: “Bem, se me sento perto ficarei muito envolvido, então distancio-me”.

Freud costumava sentar-se atrás dos clientes, de forma que estes não podiam vê-lo, e uma das razões sugeridas para explicar esta postura é que ele se sentia um pouco embaraçado se olhasse as pessoas directamente nos olhos. Então a psicanálise era um falar para uma orelha – era um relacionamento desse tipo e nisso consistia parte do distanciamento. Na psiquiatria, e particularmente na tradição médica, a ênfase é colocada em manter a distância; em manter-se clínico. Já foram escritos diversos artigos sobre este assunto – como os médicos costumam desumanizar a linguagem devido a algum medo de tornarem-se muito humanos.

Outro factor relacionado a esse é toda a questão do toque, que Reich decidiu enfrentar. Tradicionalmente os médicos só tocam o corpo clinicamente, e não era esperado aqueles que trabalham com a mente e com as emoções o tocassem de forma alguma. Também isso faz parte da distância. Existe, então, uma espécie de tabú em relação ao toque implícito nesse tipo de interferência superdistanciada, superclínica e superprofissional, que na verdade interfere na confiança. Ninguém vai abrir seu coração para uma orelha sentada ali atrás como se fosse um gravador.

O outro extremo é o *superenvolvimento*, onde o terapeuta e o cliente embolados numa espécie de simbiose: onde o terapeuta sente-se sugado pelas necessidades do cliente e começa a sentir-se ameaçado por elas, mas não consegue sair. Fica um relacionamento do tipo sugado-sugador.

Podemos olhar esses dois extremos, distanciamento e superenvolvimento, como as oscilações esquizóides e histéricas das quais fala Frank Lake.(1) Um está agindo na posição esquizóide “mantenha-se afastado”, e o outro na posição histérica “vamos ficar próximo”. Então estamos falando de superproximidade, de falta de formação de limites. Proporei posteriormente – ou caso não proponha é certamente o caso de se propor – que os diferentes tipos de carácter estarão propensos a um ou outro desses dois extremos. Algumas pessoas gravitarão em torno de um, outras de outro. Ambos, tenham em mente, são interferências no vínculo real..

Em algum outro ponto – não exactamente no meio, pois não é um compromisso entre

os dois – mas em algum outro ponto não vindo da interferência, está um relacionamento entre aquele que ajuda e o que é ajudado onde não existe medo do contacto profundo. Não ficando preso rigidamente ao distanciamento clínico de mente à escuta e guardando-se ao distanciamento emocional.

Este relacionamento pode propiciar um contacto profundo, mas também manter bem estabelecidos os limites, de maneira que o terapeuta não seja inundado pelas necessidades do cliente. Frank Lake mostra como as pessoas históricas, devido à sua necessidade de apegar-se, podem, com certos tipos de terapeutas, consumir o terapeuta. Elas o consomem emocionalmente. O terapeuta que se vê na situação de ter seu cliente telefonando oito vezes numa noite, sente que seu papel como aquele que ajuda requer dele satisfazer todas as necessidades do cliente: e em algum ponto compaixão torna-se confusão. O que realmente termina sendo de muito pouca ajuda.

Então, o que estou sugerindo é que temos o superdistanciamento e o superenvolvimento como dois extremos de algo estragado na área da transferência/contratransferência. O terapeuta precisa ter capacidade de estabelecer contacto, mas também de recolher-se em si mesmo. Pearls fala muito a respeito do ritmo de contacto e retração, o que é na verdade a “pulsção” de Reich; para fora em direcção ao contacto externo, para dentro em direcção ao *Self*. A capacidade de estar consigo e também de sair e estar com outras pessoas de maneira real e depois retrair-se e procurar por sua própria vida é, eu diria, essencial para criar o processo de ressonância no lugar da interferência.

Máscara, Sombra e Self

Outra maneira de se analisar a transferência e contratransferência é através das Três Camadas Existenciais de Reich, que lhes farei recordar. Reich postula essas três camadas não em termos transferenciais; apenas em termos de três camadas do carácter. A camada superior é a máscara, a defesa do carácter; a camada secundária equipara-se à camada do meio, destrutiva e misturada, cheia de confusão, tensão, ansiedade e stress (relaciona-se ao conceito Junguiano de Sombra); e a camada primária, a camada do núcleo que expressa o verdadeiro *self*. Você provavelmente conhece a ideia básica de que as necessidades do núcleo são abafadas na infância. Há uma revolta contra isso; elas tentam abrir caminho ao invés de serem abafadas. A revolta, por sua vez, é reprimida, e você acaba com algum tipo de formação de carácter que se instala nas outras duas camadas.

Em termos transferenciais, sugiro que as duas camadas superiores estão implicadas na transferência e que a terceira camada precisa ser contactada para que se estabeleça o padrão de ressonância; transpondo a transferência para estabelecer a verdadeira relação; isso faz muito sentido para mim. É só pegar o modelo de Reich das Três Camadas e aplicá-lo à relação: temos duas pessoas em vez de uma.

Pode-se pensar em duas pessoas e com quae camada cada uma delas está se relacionando. Por exemplo, se o núcleo do cliente relaciona-se com a máscara do terapeuta, não haverá muitos progressos no que diz respeito à confiança. Se o núcleo do cliente relaciona-se com a camada secundária do terapeuta, o cliente será despedaçado. Consequentemente, o núcleo do cliente só pode desenvolver-se quando o terapeuta pode ir de encontro a ele. Em contrapartida, se o núcleo do terapeuta encontra apenas a máscara do cliente, este irá embora sem que tenha ocorrido nenhuma mudança profunda. Se o

núcleo do terapeuta encontra, e não consegue transpor a camada secundária do cliente, fará aquela observação clássica que alguns terapeutas fazem: “Porque me sinto esvaziado por meus clientes? Porque é tão fatigante que eu vou para casa no fim do dia sentindo-me sem energia?”. É o resultado directo da ressonância, amor e calor sendo expressados e colidindo com a camada secundária do cliente, e não conseguindo transpô-la. O contacto máscara- máscara, camada superior com a camada superior, é um bate-papo social. A camada secundária para camada secundária, você terá um “grupo de encontro”. (Há um artigo sobre esse assunto na revista *Energy and Character* ⁽²⁾ mostrando relacionamentos nos quais predomina a transferência dos aspectos destrutivos da formação de grupos).

Se as camadas superiores de cada uma dessas duas pessoas denotam transferência, então a camada de fundo denota ressonância. Podemos dar mais um passo adiante e dizer que a camada superior denota transferência positiva, e a camada secundária transferência negativa. Cada afirmação tem seu reverso, então o que digo da transferência aplica-se à contratransferência. Com duas pessoas temos um modelo dual. Tentaremos analisar a natureza dessas três camadas em cada uma dessas duas pessoas, terapeuta e cliente, primeiro em termos gerais, depois analisando duas ou três questões-chaves e tentando ampliar um pouco mais essa questão.

Transação Terapêutica

A transferência positiva no cliente é a reacção que Reich considera como sendo de essencial importância transpor. Se você emperra nela, emperra na superfície. Esta relação está erigida em cima do que Bion chama de ideal Messiânico. Bion é um psicólogo que escreveu muito sobre transferência em grupo ⁽³⁾. Segundo Bion existem três tipos básicos de patologia de grupo: um é o que chama de ideal Messiânico; outro que chama de grupo fuga-luta; e outro que chama de grupo dependente. Todos esses processos podem ocorrer em um mesmo grupo.

Se aplicarmos esses tipos aos relacionamentos entre duas pessoas, a dependência é colocada no início do relacionamento mas cabe ao terapeuta ajudar o crescimento da independência. A resposta fuga-luta deixarei para quando falarmos da camada secundária. O ideal Messiânico é a situação onde de alguma forma a terapia resolverá todos os problemas magicamente, e não através do trabalho árduo. “Irei a esse grande terapeuta, discípulo de Reich: ele deve ter as respostas. Chegarei lá e ele vai acabar com minhas corações. Ficarei melhor e terei orgasmos fantásticos.” Esse é o ideal Messiânico. Mas a vida não é assim tão simples.

Lowen diz coisas muito interessantes a respeito das psicopatias. Ele coloca que a essência da psicopatia é prometer algo que talvez não possa ser cumprido. Escreve no fim do seu artigo: ⁽⁴⁾ “A Bioenergética não faz promessas. Tenta sinceramente ajudá-lo e trabalha com você na resolução de seus problemas”. Depois comenta: “Espero que isso seja verdade a respeito da Bioenergética.” Gosto dessa afirmação. Ele não diz que não prometemos nada; diz que tentamos não prometer nada. Também está dizendo que fazer promessas que você nunca cumprirá tem a ver com onipotência.

“Sou melhor que você. Consegui, posso dar-lhe. Você ainda não conseguiu, portanto pegue de mim.”

O cliente tende a colocar o terapeuta nesse papel. Se o terapeuta entra, temos uma dupla

participação na criação de uma falta. Mais cedo ou mais tarde haverá uma decepção. O número de pessoas mágicas que podem resolver problemas como esses é muito pequeno. Elas podem figurar isoladas. E pode ser que até mesmo elas não possam fazê-lo. Mas existem pessoas que têm a ilusão de poder.

Reich diz que numa sala encontram-se dois animais: a terapia é isso. Dois animais numa mesma sala. Temos dois sistemas energéticos, não temos um chefão de um lado e uma pequena, fraca e desamparada coisinha do outro. Jan Foundraine escreveu no final do seu livro, *Not made of Wood*,⁽⁵⁾ uma frase que um paciente psicótico lhe disse: “Olhe, doutor, a melhor forma que você tem para ajudar uma pessoa tão confusa como eu é: deixe comigo, mantenha sua distancia e não chegue muito perto.” A grande ênfase do trabalho de Gerda é o “deixa comigo”. Ao mesmo tempo os languinianos dizem: “Duas cabeças pensam melhor que uma” e, às vezes, dois corpos são melhor que um. Bem, voltemos aos dois animais na sala.

A essência da *transferência positiva* é permanecer grudado. Escrevi um artigo novo sobre grupos chamado “Psychic Cement”⁽⁶⁾ (Argamassa Píquica). É um tipo de argamassa psíquica estruturada na transferência positiva que é realmente viciante.

Escondida atrás da transferência positiva está a *transferência negativa*, que diz: “Não confio em você, na verdade você não entendeu nada. Talvez seja melhor eu procurar outro terapeuta. Não gosto do jeito como você fala. Você é muito frio. Porque você não quer saber mais coisas? Porque você me interroga tanto?” Uma carga de criticismo que diz “Você está errado. Você interfere, ou falando demais, ou falando de menos.” É claro que o terapeuta também pode estar criticando, censurando. Critica rebaixando o cliente. Pode estar criticando ao despedaçar a couraça sendo demasiadamente assertivo. Reich descobriu uma ferramenta extremamente potente, ao trabalhar com o carácter – a mímica. E a mímica é uma faca de dois gumes. Pode ser útil como um espelho para que algo possa ver-se como é visto pelo lado de fora, pois só tem um referencial interno. Pode ser também um dos mais fortes meios de rebaixar o outro. Às vezes uso algo parecido com uma troça, que também pode ser uma faca de dois gumes. Troçar pode ser uma maneira de fazer com que as pessoas se levem um pouco menos a sério; comecem a abrir um espaço entre elas e sua auto-imagem. Mas se você está trabalhando com alguém que foi muito caçoado quando criança, o tiro pode sair pela culatra. Em outras palavras, é uma ferramenta a ser usada de maneira muito delicada, pois pode ser sentida – mesmo que não seja essa a intenção – como criticismo destrutivo.

O terceiro nível é aquele onde você se desvincula das complicações transferenciais e chega à verdadeira relação. Se você já leu algo de Martin Burber⁽⁷⁾ sobre o relacionamento Eu-e-o-Outro, com o que você está realmente lidando é com o amor. Está realmente lidando com a comunicação coração-coração entre duas pessoas começando a sair da confusão, da desconfiança. A melhor definição de amor que já vi até agora foi a de dois psicólogos, Russell e Russell, num livro cujo nome soa absolutamente acadêmico: *O Comportamento Humano*⁽⁸⁾ fazem a seguinte afirmação: “Amar é propiciar ao outro o conhecimento de si mesmo.” É uma definição soberba do amor terapêutico. Amar é propiciar, desenvolver. É fácil reconhecer quando alguém está realmente propiciando, cultivando no outro esse processo exploratório- “Exploração” significa literalmente “fluir”. Exploração é a ameba colocando para fora seus pseudópodes. Todo o processo de levar uma pessoa da ansiedade para o prazer; da contração para a expansão; da confusão à clareza; da interferência à ressonância, é um processo exploratório.

Sexualidade e Transferência

Quero analisar detalhadamente três aspectos de transferência – sexualidade, agressão e medo – e depois mostrar um esquema que troxe. A essência do aspecto sexual na transferência positiva é: “Chamo sua atenção sendo sexual.” Especialmente nos histéricos: “Satisfáça-me, para que não me sinta frustrada.” O bloqueio ocorre na fonte de gratificação; no histérico, essas necessidades precisam tornar-se mais internas. A essência do padrão histérico é: “Corro para você, para que você satisfaça minhas necessidades; isto resolve meus problemas.” O verdadeiro problema com o processo de envolvimento histérico é que eles precisam ficar mais sozinhos, e precisam gastar mais tempo fazendo o que Ann Parks chama de “autonutrição”. Precisam desenvolver um centro e não procurar seu centro nos outros. O padrão histérico de sexualidade é correr em busca de seu centro através do contacto sexual. Actuando, assim, o p+adrão de carácter.

Minha imagem do padrão *negativo* na sexualidade é quando essa resposta é reprimida e projectada no terapeuta: “Ah, você se interessa por mim sexualmente, não é? Não confio em você. Esse seu jeito de olhar!” Alternativamente é todo um processo de apenas esperar a sexualidade por parte do terapeuta; projectando, defendendo-se dela, e estragando o contacto em termos de resistência; justificada pelo processo sexual. A histérica precisa separar físico de sexual. Precisa aprender que se alguém toca seu corpo não significa que vá ter relações sexuais com ela; que se alguém coloca a mão sobre sua cabeça, não precisa necessariamente ser um avanço sexual; que se alguém a olha de maneira calorosa, não precisa acabar na cama. Sua experiência infantil geralmente foi: “Se me mostro viva, meu pai fica ligado. É perigoso. Eu vou lidar com isso não me mostrando viva. Vou me deprimir, é mais seguro.” O que ela precisa aprender, à medida que saímos do padrão de interferência para um contacto mais claro, é que se alguém se liga ou não é problema dele, não dela; ela não tem que desligar sua sexualidade para refrear um avanço sexual. Nesse sentido, a sexualidade é dela e de mais ninguém. Mais amolamente, ela não precisa desligar sua força de vida para controlar uma situação sexual entre duas pessoas.

No primeiro caso (onde o contexto é super-sexualizado pelo cliente) os limites tornam-se misturados. No segundo (onde o cliente congele-se para se prevenir contra a possibilidade de um contacto sexualizado) os limites tornam-se muito fechados.

Vamos olhar agora o lado contratransferência. A *contratransferência positiva* é o terapeuta utilizando a sessão para sua vantagem sexual, embora colocando como se fosse para a vantagem do cliente. Algumas vezes isso pode ir longe demais. Vou contar-lhes um exemplo ocorrido num grupo, fala de medo. Diz: “Uma das coisas de que tenho medo é de ser violentada.” O terapeuta do grupo diz: “Ok, vamos montar uma situação onde você pode confrontar-se com esse medo.” Ela é violentada. Que necessidade, e de quem, está sendo satisfeita aqui? Esse é um exemplo muito forte do que estava falando. Esse procedimento vai resolver o medo? Ou está realizando alguma coisa do terapeuta ou de alguma outra pessoa do grupo? A essência dessa situação é apresentar algo que, na verdade, é negativo como se fosse positivo.

A contratransferência negativa é a imagem espelhada, no terapeuta, do que ocorre com o cliente na transferência negativa. É o medo da sexualidade do cliente, com a necessidade de congelar-se num poapel superprofissional no caso de ser seduzido.

Agressão e Transferência

A *transferência positiva* não mostra agressão nenhuma. Por parte do cliente a transferência positiva diz: “Por que iria criticá-lo? Admiro você. Você é grande. Está realmente me ajudando.” Reich costumava dizer: “Descreva essa pessoa que está na sua frente. Digame quem você vê. Que tipo de pessoa eu sou?” Desde o começo da terapia ele tentava obter esse feedback. Costumava perguntar: “Quais as partes de mim das quais você não gosta?” e procurava por dríticas, pela transferência negativa latente. Há um capítulo inteiro no “Análise do Carácter” ⁽⁹⁾ chamado “A Transferência Negativa Latente”.

Podemos ver a *transferência negativa latente* no trabalho corporal. Manifesta-se quando alguém chuta ou grita de raiva. Hoje em dia é muito mais fácil habituar-se ao facto de aue as pessoas sentem raiva.

Aprendi muito trabalhando com um terapeuta que não aceitava minhas críticas. Ele se repetia e dizia: “Olhe, isso não é verdade.” “Esqueça isso, é apenas transferência negativa.” “Acho que eu nunca disse para ninguém: “Olhe, essa é a sua transferência negativa.” Sempre deixo duas possibilidades: “Talvez eu seja assim, talvez não. Talvez seja projecção, talvez seja verdade. Talvez seja seja transferência negativa, talvez seja a expressão da verdade.” Provavelmente não vejo da mesma maneira que meus clientes, mas isso não quer dizer que eu estou certo e eles errados. Posso estar correcto, e eles acabarem de projectar alguns aspectos deles mesmos. Eles podem estar correctos, e eu talvez esteja na defensiva. O tempo mostrará. Se você assume que existe cinquenta por cento de probabilidades , pois existem duas pessoas na sala, de ser uma projecção e cinquenta por cento de que não seja projecção, se mantivermos a questão em aberto, o tempo mostrará. Uma vez que o processo comece com: “Não, não sou, isso é transferência negativa”, então você está sendo categórico, está rotulando e defendendo-se; o que bloqueia a possibilidade de descobrir esse aspecto de si mesmo caso não seja transferência negativa; e tira a possibilidade do cliente enxergar seu processo , caso seja transferência negativa, pois você está dizendo para ele.

Tive algumas experiências muito satisfatórias deixando em aberto e, duas ou três semanas depois , nós dois percebemos do que se tratava. Ou eu digo: “Acabei de perceber, naquele dia eu realmente estava em tal disposição, você estava certo”, ou o cliente vhega e diz: “Você sabe do que se tratava tudo aquilo; tem a ver com meu pai, acabei de descobrir...” Torna-se óbvio. Tive um cliente que uma vez chegou para a sessão com um livro de clínica nas mãos e começa gritando: “Estou farta de todas essas categorias; cheia dessa estória toda de esquizóides e masoquistas, não quero ser nenhuma dessas coisas aqui.” Depois ela disse: “Você lê esses livros e acredita nessas classificações; deve acreditar que em toda essa asneira, e eu sou sua cliente, não tenho nada disso.” Continuou berrando e eu fiquei pensando no que tinha me pegado. Ela continuou assim por mais de meia hora, cerca de 35 minutos. Depois de vinte minutos ela parou e disse: “E não me diga que isso é paranoia.” Eu disse: “Ainda não respondi, você ainda não terminou.” Ela continuou por mais um quarto de hora. No final desse um quarto de hora ela não estava mais batendo no livro apenas com palavras, mas com os punhos cerrados. Então começou a chorar. Naquele momento a torrente de palavras havia terminado; ela era uma criança ferida; sentindo-se traída e frustrada e, como ela não estava atirando nada em cima de mim naquele momento foi possível estabelecer um contacto com ela que não era apenas ouvir ou defender-me.

Sentei-me ao seu lado, e partilhei de seu sentimento. Cinco minutos depois ela disse: “Grande parte disso tudo era realmente paranóia, mas existe algo de verdadeiro também.” Esta é uma afirmação realmente embasada na realidade.

A essência da paranóia é que você foi realmente perseguido. Atrás da paranóia existe uma perseguição real. Mas o sentimento, a ferida sentida foram reprimidos e agora você se mantém tomando cuidado para evitar futura perseguição. A essência da defesa paranóica é precaver-se contra as pessoas e não mostrar a ferida. A essência da posição paranóica (não da defesa, mas da posição interna profunda) é que você foi machucado. Foi perseguido; e entre a defesa e a posição está a dor e a ferida disso tudo.

Então, quando essa mulher entrou em contacto com a ferida, passou da defesa do carácter para uma camada mais profunda onde, de facto, era mais fácil relacionar-se com ela. Posso relacionar-me com essa ferida; posso ressoar com isso. Nesse momento, então, ressoamos como dois seres humanos. Na outra posição existia interferência; ela estava com medo da minha interferência porque de uma forma ou de outra, eu estava diagnosticando-a, e ela interferia em mim porque estava interrompendo meu trabalho de ajudá-la. Teria sido fatal dizer: “Isso é paranóia. Você está paranóica, deixe-me interpretar o que está havendo.” Seria desastroso, pelo menos nesse caso.

Desta forma, quando descobrimos que a crítica é uma projecção, ambos podemos vê-la como tal. Quando descobrimos que ela é pertinente; é parte de uma interacção saudável entre duas pessoas. “Sim, existem algumas coisas em você que eu não gosto, deixe-me dizer quais são, pois elas interferem em mim, não gosto delas.” Ou: “Essa é uma parte sua que não suporto, mas com a outra eu fico numa boa.” Esse é um dialogo entre pessoas reais. Então a capacidade de mostrar uma raiva sadia dentro da relação, sem com isso destruí-la, é, na verdade, o que espero recuperar da raiva abafada e projectada.

Pelo outro lado, o lado terapeuta, a camada superior ou a camada da *contratransferência negativa* caracteriza-se pela repressão da asserção. Há um quadro de William Steig que retrata um homem em pé sobre sua própria mão. Traz a seguinte citação: “Quem sou eu para ter uma opinião a respeito de mim mesmo?” É o terapeuta que senta e diz: “Bem, estou aqui apenas para ouvir. Não estou aqui para perturbar o andamento do processo, mas para deixar que ele aconteça. Se o cliente quiser deitar-se e ficar quieto por uma hora, está bem; se quiser falar durante uma hora, está bem, eu escutarei; se quiser levantar-se e mover-se pela sala, também está bem, estou aqui para ajudá-lo a fazer o que ele quiser.” Não há desafio.

Agora, desafiar demais é a essência da *contratransferência negativa*. Você provoca. No ano passado Gerda deu uma bela palestra num curso de Verão na Áustria. Ela disse: “Não pensem que, por incentivar a auto-regulação, vocês nunca provocam. Não pensem que, por haver muitos perigos no excesso de provocação, devem manter-se na subprovocação.” Na verdade ela estava falando para pessoas muito receptivas com seus clientes: “Não tenham medo de ser activos, não temam ser assertivos.” Lowen costumava dizer para seus supervisionandos: “Não tenham medo de ser receptivos. Não tenham medo de sentar e ouvir; não tenham medo de deixar que se efectue o processo do cliente.” Alguns de seus supervisionandos tinham a tendência de ser superactivos.

No ano passado tive uma experiência com um cliente que já havia procurado um terapeuta nos Estados Unidos, direi apenas, que de orientação Reichiana. Nas sessões nos deparamos com crises de choro, um choro profundo. Esse terapeuta havia dito: “Você

parece uma mulher histérica. Não vou trabalhar com você, vou encaminhá-lo para outra pessoa.” – e saiu da sala. Isso é contratransferência negativa. Esse rapaz guardou muita dor em função da humilhação sofrida nesse episódio, e grande parte de seu trabalho comigo concentrou-se nesse facto – se seria possível para ele chorar sem que essa experiência se repetisse. Seu choro, quando foi possível para ele mostrá-lo, não tinha nada de histérico. Não era nada daquilo que segura terapeuta e cliente por semanas a fio, e esgotou-se no devido tempo.

“Você me ameaça, por isso te humilho”, essa é a essência da contratransferência negativa: “o que acontece, seja o que for, faz com que me sinta incomodado. Para me manter superior, faço com que você se sinta constrangido”: É possível fazer com que as pessoas sintam-se constrangidas por qualquer coisa que façam. Pode-se fazer com que sintam-se constrangidas por sentirem muita raiva, ou por não sentirem raiva. Porque falam demais, ou porque não falam. Depende de como é feito. Vocês podem ver como a transferência é uma área complicada, pois se você não pode aplacar de menos, não pode também aolacar demais, o que resta a fazer então? Bem, resta-lhe mobilidade. Resta-lhe tentar ressoar com as necessidades do cliente, ao invés de manter-se fixado em um padrão advindo de seu próprio carácter diz: “Sempre deixei para eles” ou “mexa-se e faça, sempre”.

Retornando à agressão; agressão não significa ferir os outros. Significa defender-se. É algo que tem a ver com delimitar as próprias fronteiras. Tive uma cliente que entrou em surto maníaco. Durante o surto invadia o espaço de todos. Ela ia à delegacia de polícia às duas de madrugada e fazia com que todos procurassem algo que havia perdido. Ligava para o vigário de Abbotsbury para dizer que sentia-se infeliz. Fazia mil e uma. Escrevia para todo o mundo; em outras palavras, o padrão maníaco clássico. Era desse tipo de pessoa que fazia um período de terapia depois passava um ano ou mais sem terapia. Ela não era exactamente minha cliente naquela época, mas mantinhamo-nos em contacto. Eu estava em Abbotsbury e ela em Londres. Fazia enormes ligações interurbanas, falando sobre seu estado naquele jeito maníaco, Eu passava horas no telefone, e se ela escrevia, eu respondia. Ela não estava em terapia naquela época e não pedia por uma sessão, então ela disse que queria vir a Abbotsbury para entregar-me uma carta pessoalmente. Eu disse: “Bem, não estou disponível para isso, lerei suas cartas, mas sinto que é invadir meu espaço, e sinto que se você vier usará isso de alguma forma para manipular.

À medida que falava com ela, compreendi que a questão principal em relação aos estados maníacos é a falta de limites e o que eu estava fazendo era exactamente colocar limites. Estava dizendo: “Esse é meu limite. Até aqui você pode vir, mas não mais, não às minhas custas.” Ela pegou o trem até Weymouth com a carta. Eu disse: “Ponha no correio, não poderei te ver.” Ao dizer isso me senti muito duro e cruel, mas senti que estava lutando por minha vida. Se capitulasse, tenho certeza que teria uma semana horrível. Também não penso que a semana dela seria muito melhor.

A essência da resposta maníaca é que se você cede a ela não torna-se menos maníaca, torna-se mais maníaca. Como o fogo queimando madeira, quanto mais madeira você coloca mais ele queima. Realmente é necessário apagar o fogo. Então, eu tinha boas razões para agir daquela maneira. Ao mesmo tempo eu estava realmente colocando meus limites. Ela ficou muito brava e me xingou muito no telefone, mas ela nunca tinha agido daquela maneira anteriormente. Isso limpou alguns espaços entre nós. Ela compreendeu que existiam algumas coisas que ela não conseguia de mim, o que significa viver no mundo

real. Existem, coisas que eu não estava querendo fazer e aquela era uma delas. Existiam outras que eu estava querendo muito fazer e que seriam muito úteis para ela.

Medo e Transferência

Quero falar sobre medo agora. Quero estabelecer uma distinção entre dois tipos de medo da independência; ambos extremamente profundos. Guntrip, em seu livro a respeito da dinâmica esquizóide ⁽¹⁰⁾ propõe ser o medo mais básico que a sexualidade ou agressão. Olharemos para essa ideia primeiramente. Para Reich, sexualidade e agressão são expansão, duas formas de expandir-se; e ansiedade é compressão. Agora, se você se expande pode mover-se; se se contrai fica imobilizado. O que Guntrip está querendo dizer é que muito da sexualidade e agressão não é da natureza básica mas sim jogos de acting-out pseudoprotectivos, defensivos. Na verdade escondendo o medo. Apenas quando o medo aparece e quando você se remete a esse medo básico, pode iniciar-se a verdadeira expansão, o verdadeiro amor, a verdadeira sexualidade e asserção.

Agora, o *medo do desamparo* é acompanhado pelo medo de ser sobrepujado por muitos sentimentos; o medo de ser sugado; tornar-se dependente; de perder o pé, de afogar-se; de ficar sem corpo, de perder o ego.

Na Áustria, trabalhei com dois grupos de três dias de duração. No segundo grupo havia cerca de oito pessoas de mais ou menos vinte anos que vivenciavam esse medo intensamente. Tivemos que dirigir todo o grupo de maneira diferente. Todo o trabalho do grupo foi dirigido no sentido de tentar esse medo dem ser inundado pela ansiedade encarcerada nessas pessoas.

Darei o exemplo de uma pessoa que já havia trabalhado, ali mesmo, com dois outros terapeutas e que nas duas vezes sentiu-se inundada pelo material que emergiu, aparecendo esse medo. Essa mulher temia trabalhar com receio que o mesmo acontecesse. Discutimos por vinte minutos se ela iria trabalhar ou não e finalmente, estabelecemos um contracto que trabalharíamos o como não se deixar inundar, o que parecia a coisa certa a ser trabalhada. Ela deitou-se no chão e um ou dois minutos depois começou a sentir-se inundada pelas emoções. Como tínhamos um contrato, no qual estava estabelecido que a natureza do trabalho seria não produzir experiências mas sim construir fronteiras ao que estava acontecendo, começamos a trabalhar o ego e não o “id”.

Gerda enfatizou a importância de sempre se trabalhar o mais próximo do ego; e acho que compreendi o que ela queria dizer com isso naquele dia. Trabalhar próximo do ego significa manter as coisas dentro de um limite que o cliente possa lidar. Consequentemente não são inundados por tão poderosos sentimentos.

Algumas pessoas em São Francisco disseram: “Sabemos como desintegrar; como fazemos para juntar tudo de novo?” É como a canção Humpty Dumpty: “Como fazemos para juntar Humpty Dumpty de novo?” Talvez Humpty Dumpty não precise ser despedaçado. Talvez ele possa crescer sem que seja necessário ser dividido em mil pedaços. A experiência dessa mulher era que, quando entrava em trabalho de corpo, começava a sentir-se em desintegração. Vocês sabem que muitas pessoas são hospitalizadas em função do trabalho em grupo? Não acreditei que isso aconteça aqui(no Centro Boyesen) pois aqui os grupos são dirigidos de maneira responsável, mas em muitos lugares um grupo grande de pessoas é hospitalizado por ter participado de grupos. Elas sentem-se desintegradas e não podem

lidar com isso, acabando no hospital. Isso ocorre porque são superprovocadas por pessoas que não estão conscientes do que estão fazendo e que pensam que tudo se resume em fazer sentir mais.

Disse para essa mulher: “Se você abrir os olhos, como se sente, mais ou menos inundada?” Ela disse: “Menos.” Eu disse: “Ok, já ajuda. Existe algo que você pode fazer em relação a isso.”

A partir daí procurei saber como ela se sentia menos ansiosa, se deitada de costas ou de bruços. Ela disse: “Se deito de bruços não me sinto tão assustada. Sinto ainda estas correntes, mas posso lidar melhor com elas.” Tentamos ver se ela sentia-se mais ou menos inundada se pegasse na minha mão. “Menos.” Procuramos encontrar uma série de procedimentos que a capacitassem a trabalhar com suas sensações e emoções internas, sem explodir em pedacinhos.

Conheço algo de sua história de vida; seu pai era um homem sádico. Compreendi, enquanto trabalhava com ela, que ela tratava suas correntes como algo que a perseguia: “É algo que me constrange. É um pesadelo.” Sua resposta foi barrar os sentimentos: “Não posso me permitir sentir isso. Não é um sentimento muito aconselhável. Vou impedi-lo de manifestar-se.” Ela ficava entre perseguir suas correntes ou ser perseguida por elas. Naquele dia criamos uma situação na qual tinha suficientes limites sobre suas sensações a ponto de não se sentir ameaçada por elas. Ela pôde relacionar-se com seu corpo e sentir: “Não vai acabar num desastre, se eu for passo a passo.” Naquela noite ela teve um sonho. Sonhou que estava sobre uma ponte atravessando um rio em inundaçãõ. Estava assustada. Pensou, “Vou afundar”. Depois pensou: “Não, não me vou afogar, tenho muitas opções. Apesar de ser perigoso, posso nadar, ou posso me segurar na amurada e prosseguir pela ponte.” E assim ela atravessou a ponte, segurando-se na amurada.

O outro medo é o *medo da independência*: “Não quero crescer. Não quero ficar de pé. Quero que você cuide de mim por toda a minha vida. Quero ficar na cama. Não quero deixar o grupo. Tenho dez anos de terapia mas acho que preciso de onze.” Espero que vocês compreendam que estamos falando de nascimento aqui. Esses medos são respostas ao nascimento ou à morte. O primeiro é realmente o medo de morte.

Reich diz que a angústia do orgasmo é medo de desintegrar-se, o medo de render-se. Segundo ele é o medo básico atrás de cada neurose. Nesse sentido Reich também disse o que estou dizendo a respeito de medo. Reich chama a isso angústia de orgasmo. Guntrip chamaria de algo como medo existencial. David Smith juntou ambos em um artigo onde fala de angústia do nascimento relacionada à angústia do orgasmo.⁽¹¹⁾ São duas maneiras de olhar o mesmo processo. Podemos chamá-lo angústia de orgasmo se olharmos para ele através do canal sexual do processo de vida. Se olharmos de outra forma é então angústia de nascimento. O outro medo é o medo de sair do oceano, chegar à terra. “Quero ficar no oceano uterino o tempo todo. Quero voltar para o período oceânico.” Isto é regressão, *regressão tática*, que é a volta para reestruturar algo a fim de caminhar para a frente, assim como retornar à placa de sinalização quando pegamos o caminho errado para pefar o certo; e a *regressão estratégica*, que é a volta para o lugar de origem, pois era ótimo lá. Stanley Keleman chama a essa última de “mito do Jardim do Éden”.⁽¹²⁾

Então, o medo do desamparo é o medo de fundir-se ou de ficar sem limites, que é o medo de perder a condição adulta, é o medo de perder o chão. David Smith fala do assentar (grounding) vertical e do assentar horizontal.

O assentar vertical é ficar de pé e ser adulto. O assentar horizontal é permanecer deitado e ser mantido. O medo da independência é o medo de abandonar o assentamento horizontal. “Não quero abandonar a segurança e o apoio.” São todos aqueles medos infantis, à medida que a criança passa de dependência para independência. O medo do desamparo é também o medo da dependência. “Quero ficar em pé. Não quero ficar estendido aqui. Você vai pisar em mim. Talvez eu não consiga me levantar de novo. Vou me agarrar ao que já consegui.” O assentar vertical pode ser uma defesa contra recuar ao assento horizontal.

Lowen fala a respeito do carácter rígido. O carácter rígido luta contra o medo de desintegrar-se. Não é um assentar sadio, é um superassentar, rígido. Aferra-se à verticalidade. Aferra-se à retidão e a esse jeito de estar no mundo. Aferra-se ao status como uma maneira de afastar um sentimento de fragilidade pois nesse estado recebe apoio. Se você torna-se forte, o apoio é retirado. É uma escolha entre: “Ser forte, pois teme a fragilidade” ou “se manter frágil, porque teme ser forte”. Tudo isso é muito profundo. A escolha é entre: “Se renuncio à minha força. Posso me perder. Posso ficar perdido.” Todas as afirmações de morte – de um lado; e de outro: orça, posso nascer. Então não terei apoio. Terei que fazer as coisas por minha conta.” Morrer ou nascer são, na certeza, pontos do mesmo círculo. De ambas as formas você fica fundido e sem limites a render-se a isso.

A questão do render-se é o tema-chave do movimento religioso e também um tema-chave na terapia. É uma palavra que une caminhos da religião e da terapia. O que as pessoas estão dizendo é: “Solte-se. Confie. Entregue-se a seus sentimentos. Deixe cair sua couraça. Renuncie. Vá com a corrente. Mergulhe” e assim por diante. É uma boa atitude como contraposição ao que havíamos dito anteriormente, mas é apenas desejável se voltada para o fim, para uma realização. “Antes de pular n’água, ou aprendo a nadar ou tenho uma bóia salva-vidas, não vou mais colaborar com aqueles que me atiram na água a não ser que saiba nadar ou tenha uma bóia.” O que está acontecendo com algumas pessoas em alguns grupos é que estão sendo atiradas na água e vivenciando o terror de afogar-se. Alguns são retirados extremamente exaustos, sem obterem nada valioso por terem sido atirados no mar turbulento. O que estou tentando fazer é colocar o pêndulo um pouco para o outro lado, não só para buscar o render-se, mas também buscar a formação de limites.

Projectão e Introjecção

Quando analisamos a questão do relacionamento através do núcleo e a possibilidade de transferência nesse nível – um tipo de projecção no qual frequentemente o cliente projecta no terapeuta a possibilidade de curar-se ou desenvolver-se – não penso que exista transferência no relacionamento núcleo-núcleo; penso que este assemelha-se muito à descoberta da ressonância. Ele apenas procura algo, uma resposta que ecoe sua potencialidade. Se encontra essa resposta ressonante, isso ajuda o crescimento de sua potencialidade. É realmente atirar uma corda sobre um espaço: construir uma ponte. A ponte é real; é uma ponte que se estabelece na relação e sobre a qual é possível caminhar. Ele está *projectando* seu potencial apenas quando o terapeuta não pode responder a isso, e conseqüentemente sente-se frustrado, porque a parte que está precisando crescer não é reconhecida pelo terapeuta. Temos aqui o núcleo relacionando-se com a camada superior ou secundária do terapeuta. O cliente fica, então, numa situação terapêutica difícil, onde

o terapeuta não pode lidar com sua realidade. Mas se o terapeuta é capaz de perceber as necessidades do núcleo do cliente, há um reconhecimento mútuo e a potencialidade de um poder ajudar a outro, como duas chamas.

Um ajuda o outro. É o que Winnicott chama de “espaço potencial”.⁽¹³⁾ Espaço potencial é aquele no qual duas pessoas actuam criativamente.

A *projectão* está essencialmente relacionada com o não reconhecimento de algo em si mesmo, uqe é visto no outro, que talvez não seja seu, foi absorvido de outra pessoa. São opostas. Precisamos de uma outra palavra. Deve haver alguma. Acho que Pearls tem uma palavra.

Pearls usa muito essas palavras na Gestalt. Temos a *projectão* – colocando fora; *introjecção* – absorvendo, e *retrojecção* – atirando para trás. Ele também tem muitas palavras para os relacionamentos limpos. Fala muito de contacto. “Consonância”, acho que essa palavra se encaixa aqui. Também utiliza a palavra “congruência”. Precisamos de uma palavra para descrever interacção das pessoas em forma de diálogo. David Smith fala de duas formas principais de diálogo truncado. Uma é a invasão, quando o outro impõe sua mensagem sobre você e leva vantagem a mensagem dele é que prevalece. A outra é a privação, quando sua mensagem é exteriorizada e não encontra uma resposta. Diálogo é um espaço no qual não ocorre a invasão nem a privação; existe uma relação entre esses termos e *projectão* e *introjecção*.

Na *Projectão* aquele que invade é colocado fora. Aqui está o ponto onde a essência da *projectão* está ligada à paranóia- Na *Introjecção* você absorve aquilo que foi privado. Mas no diálogo você está abrindo suas fronteiras e eixando sair algo de si. Está unindo-se a outra pessoa, mas também se realça enquanto dá de si.

Contacto com o Núcleo ou Estase

A ressonância produz uma luminação nos campos energéticos. Há um processo de sintonia ocorrendo, o que significa que esta interacção que está acontecendo está promovendo mais vida. Não estou apenas incentivando mais vida no cliente, na verdade trago mais vida para mim – o processo não é unilateral. Quando isso não acontece um dos dois, ou ambos, sentem-se constrangidos. Suas camadas secundárias estarão rodopiando. E coisas muito fortes podem acontecer de um para o outro quando entram ou saem do contacto do núcleo. Você pode obter informações muito valiosas se prestar atenção nos sinais de seu corpo. Quando você começa a ficar enfadado com seu cliente, pode estar havendo algo relacionado com o sistema energético dele que está desgastado, confuso ou nublado, algo relacionado com seu sistema, ou com o sistema de ambos. Sendo você o terapeuta, obviamente é de sua responsabilidade checar primeiramente o seu próprio estado. Se não há nada em você, nem com ele, o que pode estar fazendo com que você sinta esse enfado? Você foi dormir tarde ontem? Há algo no seu próprio processo que possa ser causador disso? Se não há e você fez essa checagem com sinceridade, então é uma resposta a algo que está acontecendo com o cliente. O que o cliente está fazendo que é tão enfadonho? O que significa isso na interacção energética? Você está usando, na verdade, seu enfado – que é *contratransferencial*, quando uma resposta a algo dele – para obter dados a respeito do que está acontecendo na sala. Ele pode estar contando uma história muito interessante, mas pode estar fazendo com uma voz que não apresenta variações – o

que faz com que perceba que a voz dele é monótona. Então, você passa a prestar mais atenção no tom da voz do que no conteúdo. Esse tom de voz pode, depois, tornar-se mais vivo, ou mais sentimentos aparecem, ou os olhos começam a lacrimejar – e você percebe que agora está penetrando o sentimento. Não sente mais o enfado, fica interessado – e seus olhos tornam-se mais vivos. Se pensarmos a respeito disso em termos de energia é muito claro: ou é um movimento em direção a uma maior interação, ou, de alguma forma cai algum tipo de estase.

O núcleo está lá, esperando para ser contactado desde o primeiro dia e a máscara está também lá desde o primeiro dia. Todos operantes, ou potencialmente operantes, o tempo todo. Podemos cair de novo nas teias da transferência após muito trabalho limpo, se algo acontecer em qualquer um dos lados que desencadeie confusão. É muito importante manter-se consciente do núcleo. Sendo a camada mais profunda, e sendo que a ela sobrepõem-se outras duas camadas, é a mais difícil de ser encontrada. Mas pode aparecer nas mais extraordinárias formas, se você prestar atenção – se você procurar pelos pequenos sinais. Já contei pra vocês a respeito de uma mulher num grupo em Agosto passado? Ela estava vivendo um pesar muito profundo. Como um buraco negro – relacionado à morte de seu pai. Muito do trabalho estava ajudando-a a entrar nisso, uma emoção que estava pronta para sair. E parecia que toda a sessão seria escura, cheia de dor, aquele tipo de sessão cheia de pesar. Num certo ponto percebi que ela ia parar e que estava começando a forçar a volta da dor, ao invés de esperar para o que viesse. Disse-lhe apenas: “Não force. Espere!” Ela então chegou a um ponto de auto-regulação. Aos poucos ela começou a contactar algo mais profundo, mais próximo à sua espontaneidade. Acho que ela apenas começou a mexer o dedinho. Mas o dedinho tornou-se braço, e o braço transformou-se em uma dança. Uma dança de contacto.

O buraco negro era um espaço de não contacto. “Não posso estabelecer contacto. Não há contacto possível.” Ela estava querendo forçar-se a um espaço de pouco contacto.

O espaço de pouco contacto – a escuridão, a mágoa e raiva – faz parte da camada secundária. O outro sentimento era primal – no real sentido de primal, não no sentido de Janov. A linguagem corporal do contacto; a confiança; o sentido da vida que não morre mesmo que haja morte; a fé que sobrevive ao holocausto. O perigo que ela corria era o de montar armadilhas para si mesma no holocausto. O holocausto era real – uma pessoa morreu dentro dela, coisas terríveis aconteceram. Mas a despeito dessas coisas terríveis, existe um impulso de vida ainda vivo, activo, alcançável, que começa a partir do movimento de um dedo, que quer sair e dizer: “Ei, eu continuo aqui – não morri.” Mas sua máscara disse: “Estou morta, e não estou ligando para isso.” Ou “deixe-me gritar minha desesperança.” Mas essa outra camada dizia: “Ei, eu não morri. Algo não morreu. Há algo aqui que pode sair, como o sol atrás das nuvens.” Bem, essa é uma expressão do núcleo. Aquela foi a única vez que encontrei essa mulher – e apenas por uma hora no grupo. Se a deixasse no seu movimento perderíamos o dedinho e perderíamos tudo o que aconteceu depois. E ela teria retornado ao que lhe era mais conhecido. Ela conhecia tudo a respeito dessa dor, já havia ido para lá muitas vezes.

No momento em que ela se dirigiu para a dor, percebi que não havia escolha, era para onde ela levada. É como quando uma tempestade começa a cair e você não pode detê-la. Mas houve uma pausa. Nessa pausa eu olhava para ela atentamente, tentando ver o que viria a seguir. A primeira coisa que apareceu foi um esforço na respiração. Ela respirava de

uma forma como preparando-se para a próxima. Eu podia vê-la preparando-se, começando a organizar uma repetição. Na primeira vez não tive essa impressão. Na primeira vez, saiu como uma onda espontânea, uma espontânea onda escura. Na segunda vez parecia que ela queria recriar um pouco mais desse sentimento. Não disse para ela: “Não sinta mais dor.” Eu disse: “Espere um pouco. Não force.” Ela poderia sentir mais aquela dor sem forçá-la. Mas não foi o que aconteceu. O que aconteceu foi o surgimento de outro impulso. Mas ela não sabia o que era para partir dele. Nem eu. Apenas sabíamos que era algo diferente. Vejo em muitas pessoas um superego terapêutico que diz: “Tenho que acabar com isso.” Um homem na Austrália disse: Eu estou tentando todos os dias da semana. Eu ainda tenho seis anos para continuar. É uma investida. E o final é doloroso.”

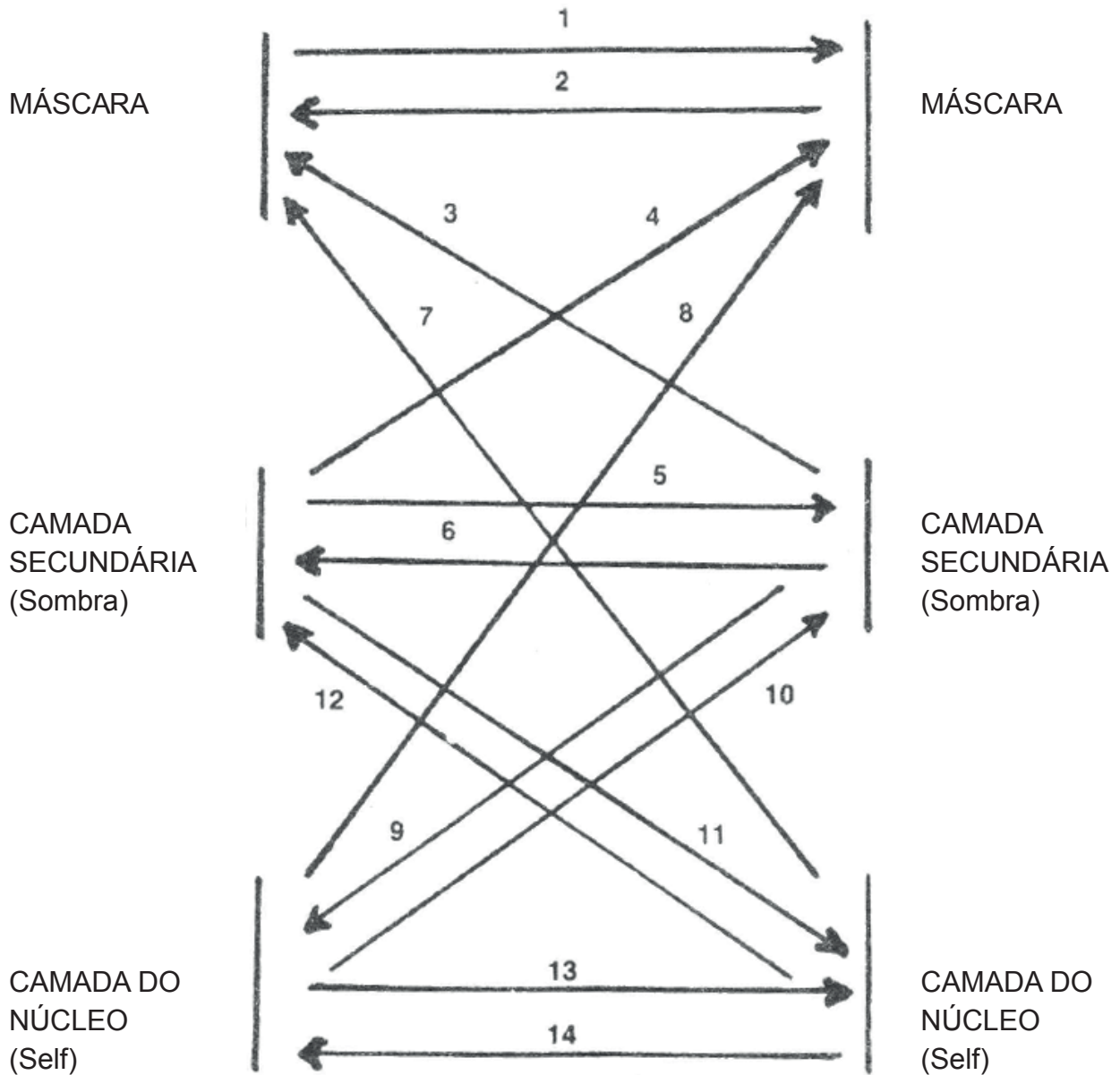
O Ritmo do Processo

É necessário seguir o ritmo do seu próprio processo. Algumas pessoas precisam de quatro horas de sono, outras precisam de dez e dormem quatro, desde que o superego terapêutico diga: “Preciso manter-me trabalhando.” É necessário contactar a necessidade biológica que está no núcleo. Na camada superior está a voz da cultura internalizada que é o superego – que diz: “Bem isso não está certo. Você precisa fazer de outra forma.” Então temos pessoas escrevendo livros como *A que Horas seu bebê deve ser Alimentado. Quantas Vezes por Semana Você deve Fazer Amor*. Tudo programado, todos os tipos de normas. O que descobrimos é que existe uma enorme variação no corpo de uma pessoa para outra. O coração de algumas pessoas bate 72 vezes por minuto – é saudável. Outras têm 60 batidas por minuto – é saudável. Outras 100 batidas por minuto – é saudável. Algumas pessoas têm o coração quase no meio. Outras o têm do lado esquerdo. Acreditem ou não, há pessoas que têm 13 costelas. São as variações corporais. Há um homem chamado Roger Williams – um bioquímico que escreveu um livro chamado *Biochemical Individuality* (“Individualidade Bioquímica”). Aborda uma vasta gama de variações da norma. Para o que for que você leia em um livro de fisiologia como sendo considerado normal, existem pessoas perfeitamente saudáveis com grandes divergências em relação à norma, em coisas tão comuns como pressão sanguínea e absorção cálcio/proteína. Se é uma verdade fisiologicamente, quanto mais verdade pode ser em relação ao resto?

Quero falar agora sobre ritmo e emoções. Parte da tarefa terapêutica, para vermos onde duas cabeças pensam melhor que uma, é ajudar o cliente a seuir a imagem do ritmo biológico em vez de seguir a imagem do ritmo biológico ou os estereótipos culturais do mesmo. Finalmente, retornando a uma das primeiras frases que falei aqui, o padrão de interferência interno. O conflito interno. A couraça muscular e a espontaneidade recalcada – um interferino no outro.

TERAPEUTA

CLIENTE



- Transferência positiva: 2
- Contratransferência positiva: 1
- Transferência negativa: 3, 6 & 9
- Contratransferência negativa: 4, 5 & 11
- Cliente aberto, terapeuta fechado: 7 & 12
- Terapeuta aberto, cliente fechado: 8 & 10
- Ressonância: 13 & 14

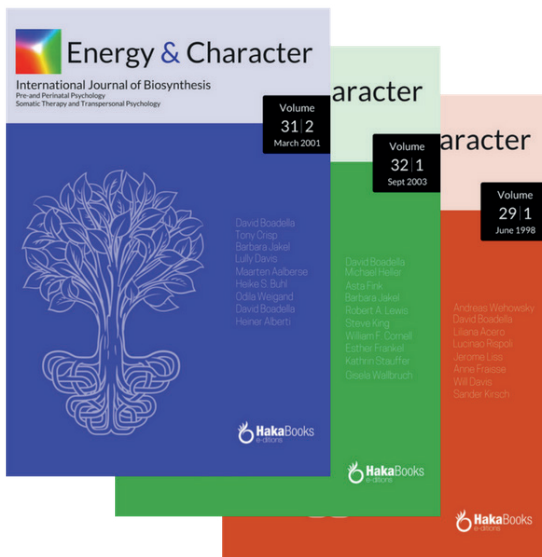
Diagrama mostrando os relacionamentos Terapeuta/Cliente

Free Article

Referências

1. **Lake, Frank**
Clinical Theology, Darton, Longman and Todd , 1966.
2. **Boadella, David**
' *Violence in Groups*', in *Energy and Character* Vol. 11, 1, Jan 1982.
3. **Bion, WR**
Experience in Groups, Tavistock.
4. **Lowen, Alexander**
Psychopathic Character, Institute for Bioenergetic Analysis monograph.
5. **Foudraine, Jan**
Not Made of Wood .
6. **Boadella, David**
'*Death of the Ego: I'*', in *Energy and Character*, Vol 11, 2.
7. **Buber, Martín**
I and Thou.
8. **Russell, Claire, and Russell, WMS**
Human Behaviour: A New Approach, Andre Deutsch, 1961.
9. **Reich , Wilhelm**
Character Analysis, Berlín , 1933 , reprinted Farrar , Strauss and Giroux, 1969.
10. **Guntrip, Harry**
Schizoid Phenomena Optic Relating and the Self, Hogarth, 1977.
11. **Smith, David**
'*Foetal Self and Orgasm Anxiety*', in *Energy and Character*, Vol 10, 1, Jan 1979.
12. **Keleman, Stanley**
Verbatim report of speech given at an Esalen Conference, '*Wilhelm Reich and Body Politics*', Aug 1974.
13. **Winnicott, DW**
Playing and Reality, Tavistock 1971, Penguin 1974.

Free Article



If you wish to receive more information about the reissue of the journal, we invite you to visit our website www.energyandcharacter.com, where you can get information about how and where to buy them.

 www.energyandcharacter.com
 journal@energyandcharacter.com
 +34 680 457 788 - 620 012 111